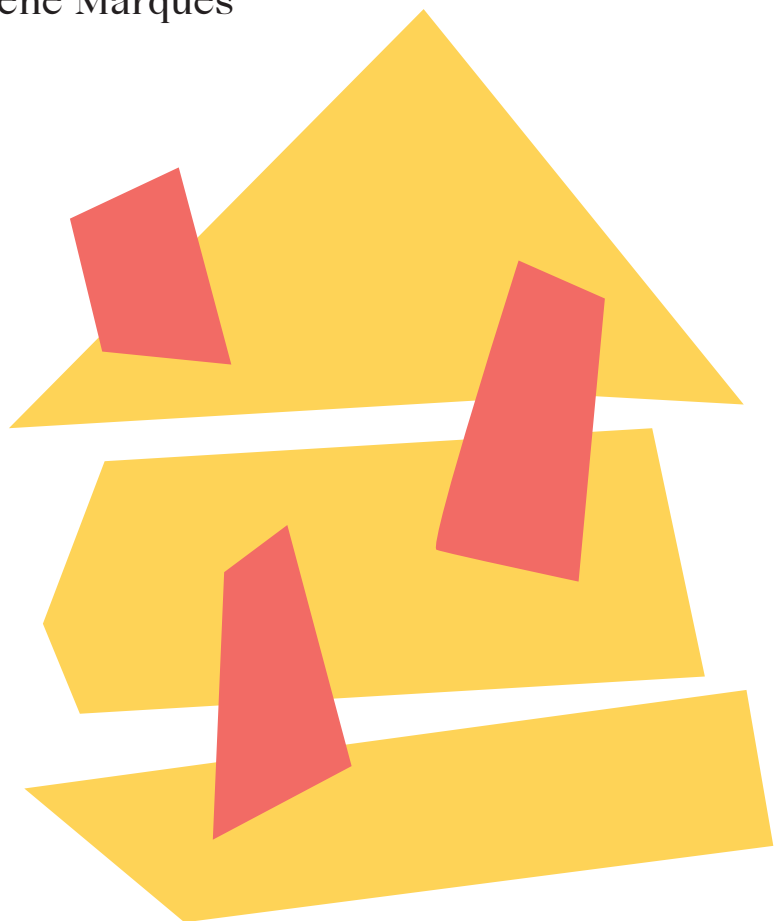


# Uma Casa no Mundo

Irene Marques



## **COLEÇÃO COMUNIDADES PORTUGUESAS**

A Coleção Comunidades Portuguesas pretende trazer a público testemunhos, documentos, ensaios e obras de criação literária respeitantes aos portugueses que vivem, trabalham e criam fora de Portugal. Com esta coleção, iniciativa conjunta do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, quer dar-se visibilidade e voz às nossas comunidades residentes no estrangeiro.

### **PRÉMIO IMPRENSA NACIONAL/FERREIRA DE CASTRO**

O Prémio Imprensa Nacional/Ferreira de Castro, além de homenagear a figura incontornável e exemplar de Ferreira de Castro, pretende reforçar os vínculos de pertença à língua e cultura portuguesas, bem como estimular a participação de portugueses residentes no estrangeiro e lusodescendentes, prestando, assim, às comunidades portuguesas dispersas pelo mundo o justo reconhecimento pelas atividades que desenvolvem nos seus países de acolhimento.

Criado pela Imprensa Nacional em parceria com o Ministério dos Negócios Estrangeiros, o Prémio Imprensa Nacional/Ferreira de Castro dá continuidade à missão da editora pública de promoção e preservação do património da língua e da cultura portuguesas.

O galardão tem uma periodicidade anual e distingue trabalhos inéditos nas áreas de Ficção e Poesia.

# Uma Casa no Mundo

Irene Marques



Coleção  
Comunidades  
Portuguesas

— PRÉMIO  
IMPrensa  
NACIONAL  
FERREIRA  
DE CASTRO

Romance

Imprensa Nacional é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.

Av. de António José de Almeida

1000-042 Lisboa

[www.incm.pt](http://www.incm.pt)

[www.impresnacional.pt](http://www.impresnacional.pt)

[www.facebook.com/ImprensaNacional](https://www.facebook.com/ImprensaNacional)

[editorial.apoiocliente@incm.pt](mailto:editorial.apoiocliente@incm.pt)

© Irene Marques e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

TÍTULO: Uma Casa no Mundo

AUTOR: Irene Marques

EDIÇÃO: Susana Arnaud

CONCEÇÃO GRÁFICA: Undo

CAPA: Estúdio João Campos

REVISÃO DO TEXTO: Inês Hugon

PAPÉIS: Materica Limestone, 250 g (capa); Arena Smooth Natural 90 g (miolo)

TIPOS DE LETRA: Elena (@Nicole Dotin) e Cako (@Jérémy Schneider)

1.ª edição: março de 2021

ISBN: 978-972-27-2887-4

Depósito legal: 473 601/20

Edição n.º: 102 4430

*Ao pai Adelino, à mãe Alzira, à Isabel, à avó Beatriz,  
ao Carlitos e a todos lá de casa. A Adsamo.  
A António Lobo Antunes. Ao mundo.*

*Aos meus irmãos, o Zé e o Agostinho, ambos soldados  
na Guerra Colonial – em Angola e na Guiné-Bissau,  
respetivamente – quando eu era menina.*

*À Ilda Januário, que me disse que tinha de ler as Cartas de  
António Lobo Antunes (e me emprestou o livro).*

*Agradeço à Inês Cardoso que leu o manuscrito  
com esmerado cuidado.*

*Agradeço ainda à Ilda Januário que me disse  
que tinha de ler as Cartas de António Lobo Antunes  
(e me emprestou o livro).*

## NOTA DA AUTORA

Esta é uma obra de ficção, mais concretamente, um romance histórico. Foram consultados alguns livros que me ajudaram a alargar a compreensão sobre a Guerra Colonial em África e sobre o regime salazarista, nomeadamente, *D'Este Viver Aqui neste Papel Descrito: Cartas da Guerra e Os Cus de Judas*, de António Lobo Antunes, *África no Feminino: As Mulheres Portuguesas e a Guerra Colonial*, de Margarida Calafate Ribeiro, além de outros que registam visões e discursos dos vários líderes africanos dos movimentos independentistas e anticolonialistas, como Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Eduardo Mondlane e Léopold S. Senghor. A personagem do Doutor Fernando Anselmo Perdigueiro Alves é parcialmente baseada na *persona* de António Lobo Antunes que transparece em *D'Este Viver Aqui neste Papel Descrito: Cartas da Guerra* e em *Os Cus de Judas*.

## A PARTIDA DO MIGUEL

Chegou a hora do sol-pôr e o mundo não vai morrer. Disso tenho a certeza, porque sinto dentro de mim que este momento já aconteceu muitas vezes. Sinto também, sinto e sei, que houve um tempo, quando era muito pequena menina, em que ao presenciar este sol-pôr julgava que o mundo ia acabar. Mas depois cresci e fui aprendendo que tudo se repete: o sol, a lua, o milho maduro em setembro, o ganir do cão quando lhe pomos a mão em cima da cabeça, o falar das vacas quando ouvem os passos do meu pai a chegar de longe, os meninos e meninas da minha mãe e tantas outras coisas que não posso aqui agora todas nomear. O meu irmão foi-se embora ontem. Saiu sozinho pela rua fora, direito e seguro do que deixava para trás, que quase nada era, e do muito que sabia existir para além deste pedaço de terra que é Almorez, onde as pessoas são acanhadas por causas variadas e também muito tristes, e ao mesmo tempo capazes de sentir a alegria mais plena de viver, o sentir mais aberto que um homem ou uma mulher pode conhecer. Por causa dos ares, diz o meu pai. Por causa da luz do sol que varia em cada estação e conforme as sombras que vai produzindo ao longo das horas neste chão duro que nos dá o nosso pão de todos os dias, diz a minha mãe. O meu irmão foi-se embora ontem, o mais velho, o Miguel. Aquele que o meu pai sempre julgava que viria a ser o homem da casa, quando as suas

mãos começassem a tremer atrás da charrua e os seus olhos perdessem o foco das coisas, deixando para trás as ervas daninhas no meio do milho.

O meu Carapinhas, dizia ele, é homem da terra, homem que nunca abandonará o ninho onde nasceu para entrar na barriga bélica e anónima da cidade, onde os homens perdem a hora do tempo para se aninharem nos minutos contados por um tresloucado despertador. O meu pai é um homem do campo, mas tem aqueles dizeres grandes que fazem lembrar a vasta consciência do mundo. Os da cidade nem sempre o percebem, chamando-lhe um homem simples, a palavra pronunciada com aquele sotaque de Lisboa e um brilho condescendente nos olhos. Mas essa palavra, simples, é uma daquelas com sentidos inversos, uns enganando, informando e confundindo os outros, e depois de muita conversa, depois de muita conversa entre todos esses sentidos, já não se sabe qual o seu significado e acabamos por apenas olhar para aquela palavra, simples, no papel branco ou no ar quando sai da boca das pessoas, e nada concreto já existe nela: um mero som despido e limpo, uma música desconhecida. Como se alguém, uma coisa poderosa vinda de qualquer lado, se tivesse ali imposto requerendo que tudo de novo recomeçasse: o mundo antes das palavras, as pessoas antes dos nomes, os dias antes dos relógios, os pássaros antes dos homens e das mulheres, as plantas na água ainda antes de subirem à terra e aprenderem a deitar raízes para as funduras escuras e insondáveis onde moram os suculentos nutrimentos da alma. Quando o mundo era novo e limpo e tudo andava nadando em mais singeleza.

O Miguel era o Carapinhas. O meu pai chamava-o de Carapinhas porque ele tinha um cabelo enriçado de anéis tão metidos que nunca ninguém conseguia abrir. Nem



mesmo a minha mãe, que desde menino teimava em penteá-lo no seu cuidado assíduo, não fossem os vizinhos falar acusando que o cachopo crescia ao deus-dará. Mas ele fechava-se como uma pinha ainda não madura demasiado enrolada em si própria à espera de uma primavera que ainda estava longe, um envelope fechado, lacrado a chumbo, um segredo imóvel e obstinado, uma casa escura onde as manchas opacas não deixam ver o íntimo mais íntimo que guardamos no cerne das células, no vermelho-carmim do nosso sagrado vinho. A minha mãe acabara de sarar as feridas que ele lhe fez dentro da sua barriga nova e por estrear, e ele ainda procurava guloso e sôfrego o seu peito todos os dias e mal comia uma côdea de pão duro de semanas, quando eu comecei a fazer barulho dentro dela: pezinhos e mãozinhas a executar forma, cabeça a entrar em pensamento, braços a quererem nadar num mar líquido onde tudo era fácil, olhos esperança viva, que viam, que viam, viam muito. Eu assim a existir, a teimar em reinar num mundo onde já havia tanta falta de pão, tantas tarefas a executar de manhã à noite, de manhã à noite. Tanta falta de pão onde todos choravam e todos tinham razão.

## EU A NASCER

Mas eu não vim sozinha. Dentro do saco da minha mãe existia também um menino do qual eu nunca me apercebi durante os longos nove meses que passámos juntos, metida em mim mesma que estava, egoísta de índole, pensando que tudo via quando afinal o que me estava mesmo ali ao lado me passava em branco, pano vazio onde julgava nada haver, nada estar escrito, mas que na realidade era um tesamento secreto que continha a riqueza do futuro, para que não passássemos fome. Como se este menino falasse uma linguagem diferente da minha, um balbuciar consequente e inconsequente que não cabia no meu entendimento, uma fala só dele que, de tão complexa, eram poucos, ou quase nenhuns, aqueles que poderiam percebê-la, ineptos pasmados diante do oculto. Uma fala que falava, falava, falava muito. Uma fala íntegra onde pássaro e formiga, onde pombo e cotovia e louva-a-deus e alforreca assumiam um significado novo, claro, vasto, deixando-me boquiaberta de desejo entrando dentro do sonho do mundo, da sua alastrada memória, noiva livre dentro da lua, desbravando a luminosidade, noite afora esperneando-me no ar nua e bela, deixando para trás o compacto ácido telúrico daquela áspera terra beirã para percorrer o radioso escuro de um céu infinito, inflamado, de silêncios a desvendar. Uma fala que ele teria de me ensinar, a mim e aos outros todos, todos aqueles

que dispostos estivessem a alargar as coisas que viam, as qualidades encontradas no fundo da estrada quando já estamos cansados e julgamos que não existe mais chão a cobrir, mais sola a rolar.

## A AVÓ, O ALENTEJO E OUTRAS COISAS DA SUA VIDA

Ontem, depois de um dia longo e triste de inverno, daqueles invernos escondidos dentro de um nevoeiro que entope a vista, e que só na Beira Alta acontecem, a mãe foi tomada por uma melancolia funda, os olhos a brilharem-lhe com uma claridade absurda e as rugas da sua pele engelhada mais acesas do que nunca: a sua vida inteira nelas estatelada, dando memória viva às coisas verdadeiras que o corpo presenciou dentro dos dias que viveu. Sentou-se junto à lareira, no banco ao pé da cantareira onde estavam os pratos, as malgas, as bacias e os talheres que eu tinha acabado de lavar a escorrer na carqueja da Rocha. Pôs um saiote velho por cima das pernas e da saia negra e rodada que sempre trazia, tentou esticar as mãos entortadas pelo trabalho do campo e pela doença do reumático, olhou para mim e começou.

«Quando a avó Piedade era carne e sangue neste mundo andou por muito lado para ganhar a vida. A sua vida foi triste. Muito triste, mais ainda que a minha, pois desde menina, mal saída da teta da mãe, tivera de andar e andar por mundos e fundos, e depois ainda aquela vergonha com o meu pai, e no fim de tudo, como se já não bastasse, aquele sofrimento que passou acamada entrevadinha seis meses à espera da morte, sem juizinho nenhum, a chamar-me mãe e a ralhar com o teu pai daquele modo tão odioso como se ele

fosse o meu pai, o homem que a enganou e nunca lhe deu o amor que lhe murmurou, o amor que lhe prometeu quando estava montado em cima dela no Monte da Rocha, um porco guloso sem consciência pela pura carne dos outros. Ai filha, as mulheres são umas tristes, umas escravas dos homens. Se, quando era nova, soubesse o que hoje o meu corpo e a minha cabeça entendem, nunca me teria casado. Ai filha, a vida das mulheres é uma miséria. Não te queiras tu casar, filha, que a vida das mulheres é uma grande miséria, do tamanho do céu, muito maior que a nossa quinta da Várzea, muito maior do que aquela quinta que herdei da minha mãe onde eu em menina tanto gostava de apanhar castanhas agora neste tempo do outono de novembro, com o chão em lama e aquele cheiro podre das folhas, a chuva miudinha a entrar-me na alma com o vagar de um abraço, uma carícia vinda do céu, aquele sossego eterno que vem antes do inverno, a dizer-nos que o descanso não tarda.

»Ai filha, a vida das mulheres é uma miséria. Não te queiras tu casar, filha, que a vida das mulheres é uma grande miséria. Uma grande miséria a trabalhar de manhã à noite, de manhã à noite e ainda pela noite dentro, os nossos olhos a fecharem-se e nós ainda a querer coser as casas dos botões e a pregar os remendos nas calças dos meninos e do homem, e depois, logo de madrugada, ainda mal passadas pelo sono, o dever outra vez ali à nossa frente a chamar-nos, sem piedade de nós, sem mercê dos cativos. E durante a noite o homem a chamar-nos para outros deveres e mesmo que não nos apeteça nada, mesmo que o corpo esteja apagado, nós ajeitamo-nos como podemos para que a vida se viva através de nós, e o senhor nos abençoe, a cruz que carregamos. A minha mãe sofreu muito. Hoje lembrei-me dela, muito lá por dentro, muito lá por dentro, como se

## ÍNDICE

<i>Nota da autora</i> . . . . .	11
A partida do Miguel . . . . .	13
Eu a nascer . . . . .	17
A avó, o Alentejo e outras coisas da sua vida . . . . .	19
Um jardim a desenrolar-se . . . . .	27
O Tonito . . . . .	33
Hoje . . . . .	41
O rubro do horizonte poente . . . . .	43
As minhas palavras e as tuas, as nossas . . . . .	51
Já não era assim . . . . .	61
A Laurentina e a casa das bonecas (eu e o Pedro) . . . . .	67
Círculos e a esperança suspensa no ar . . . . .	73
A substância de Deus (e outras coisas visíveis e invisíveis) . . . . .	81
A tristeza do Tonito e o regresso da Margarida . . . . .	103
O desaparecimento do Pintas . . . . .	107
O português-africano-brasileiro, ou o retornado . . . . .	115
Chamando a Laurentina . . . . .	121
A barriga da Terra e o nascimento de um jardim . . . . .	127
Um flamingo mensageiro . . . . .	133
O carvalho velho e a assinatura cega . . . . .	141
Perdida na corda da roupa . . . . .	151
Conversas . . . . .	157
Dia de chumbo e chuva . . . . .	165
No sonho, na noite, à procura . . . . .	171
Notícias do Miguel . . . . .	177
Terceira carta . . . . .	185
Quarta carta ou o progresso da nossa alma . . . . .	187

A farda amarela . . . . .	207
As tuas palavras chegadas a mim . . . . .	215
A Carmina . . . . .	229
O vedor . . . . .	231
Uma enorme vontade de plantar . . . . .	235
As parábolas do Papa . . . . .	241
A audiência de Gabriel Bastos . . . . .	257
A mãe . . . . .	267
A chegada . . . . .	271
Naquela noite . . . . .	275
No dia do funeral da mãe . . . . .	279
O sonho do Tonito ou o fim da solidão . . . . .	283
O Zé na Guiné . . . . .	289
Aquilo que foi . . . . .	293
O Miguel, o Pai, o Tonito, ou o ciclo dos homens . . . . .	387
A chegada do caixão . . . . .	397
O princípio . . . . .	403

IRENE MARQUES, luso-canadiana, escritora bilingue (português e inglês) e professora universitária (Universidade Ryerson) de Literatura e Escrita Criativa, é doutorada em Literatura Comparada, tem mestrados em Literaturas Francófonas e Literatura Comparada (Universidade de Toronto), bacharelados em Literaturas Francófonas e Lusófonas (Universidade de Toronto) e Assistência Social (Ryerson University). Nasceu em Adsamó, Serra do Caramulo, e emigrou para o Canadá em 1990, com 20 anos de idade, onde vive. É autora dos livros de poesia *Wearing Glasses of Water* (2007, Mawenzi House), *The Perfect Unravelling of the Spirit* (2012, Mawenzi House) e *The Circular Incantation: An Exercise in Loss and Findings* (2013, Guernica Editions), da coleção de crônicas *Habitando na Metáfora do Tempo: Crônicas Desejadas* (2009, Edium Editores) e do romance *My House is a Mansion* (2015, Leaping Lion Books/York University). O seu segundo romance em inglês de título *Daria* sairá em 2021 no Canadá (Inanna Publications/York University). De entre as suas publicações académicas destacam-se o livro *Transnational Discourses on Class, Gender and Cultural Identity* (Purdue University Press, 2011) e diversos artigos em revistas e coleções internacionais, nomeadamente, *African Identities: Journal of Economics, Culture and Society*, *Research in African Literatures*, e *A Companion to Mia Couto. Uma Casa no Mundo* foi contemplado com o Prémio Imprensa Nacional/Ferreira de Castro na sua primeira edição, em 2019.



*Uma Casa no Mundo* tem como pano de fundo uma casa de camponeses da região da Beira Alta: uma casa que sonha em ser mansão e se alastra pelo mundo, ou por vezes fora dele, tentando deslizar no sublime do transcendental, sempre guiada pelo etos de perfeição e realização. Trata-se de um romance que explora acontecimentos históricos específicos decorridos entre os fins do século XIX até depois da Revolução de Abril. Encontramos aqui de quase tudo: agentes da Pide, soldados jovens e idealistas encarcerados no mundo opressivo e violentíssimo da guerra colonial na Guiné-Bissau e em Moçambique que escrevem cartas profundamente relevantes, generais de guerra brutos e psicopatas, a abjeta miséria física e psicológica dos colonizados e colonizadores, um médico que anseia ser escritor, mulheres abusadas por uma sociedade vinculadamente patriarcal e católica, um menino deficiente que tem uma visão do maravilhoso que no universo pode existir, amor inter-racial, e outras personagens que, sendo deste mundo, procuram outros melhores. Estamos perante um romance que revela a multiplicidade e complexidade do ser humano no seu universo imediato e distante, físico, psíquico, espiritual, mítico e místico: dir-se-ia uma veia com inúmeras artérias, todas estas se espalhando por vários cantos do universo, numa incessante busca existencial que pretende ampliar, consagrar e concretizar a potencialidade humana, esse latejante pulsar de todos nós, que sempre nos pede mais. A escrita mistura o realismo mágico, que também poderíamos designar de existencialismo místico, com o realismo social, de modo que a realidade sociopolítica se revela filtrada por uma envolvente ótica alegórica e esotérica.

